

PRAIA DOS OSSOS

um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 5 - A Pantera

Branca Vianna: Em janeiro de '74, a Ângela Diniz deu uma entrevista pra revista *Nova*, em que ela dizia: “É difícil as pessoas me conhecerem. Nessa história de sociedade, sempre preferi ser Caim a Abel e, por isso, sou uma surpresa agradável para quem me descobre.”

Não precisa ser íntimo do Antigo Testamento pra entender o que a Ângela quis dizer aqui. Mas só um spoilerzinho pra quem não lembra: Caim e Abel eram irmãos, filhos de Adão e Eva. Acontece que, numa história confusa de oferenda e sacrifício, Caim ficou enciumado e matou o irmão. Teria sido o primeiro homicídio da existência humana, até porque antes só tinha mesmo Adão e Eva.

Daí para frente, na linguagem popular, ser mais Caim do que Abel significa não levar desaforo pra casa e gostar de uma briga. Preferir matar a ser morto. Atacar a se defender.

No episódio passado, eu contei como tudo o que aconteceu na vida da Ângela depois do desquite do Milton Villas Boas fez ela assumir a fama de “Pantera”. Nesse quinto episódio, a gente vai tentar entender o que significava, na prática, ser uma Pantera.

Eu sou a Branca Vianna, e esse é o *Praia dos Ossos*.

Episódio 5. A Pantera.

A Ângela Diniz se mudou de vez pro Rio de Janeiro em '73 – três anos antes da morte dela. Mas aconteceu tanta coisa nesses anos, e ela se envolveu com tanta gente, que boa parte das pessoas que eu entrevistei pra essa série pertence ao “núcleo” carioca da vida da Ângela.

Ricardo Amaral: Eu vou te falar tudo!

Branca Vianna: Esse é o Ricardo Amaral, empresário que lançou uma série de boates entre São Paulo e Rio de Janeiro, e até fora do Brasil.

Branca Vianna: Então o que a gente queria de você, como você é um personagem muito importante da noite de todos esses anos, dos anos '70, '80...

Ricardo Amaral: Trabalhei tanto durante o dia, mas sou carimbado com a noite.

Branca Vianna: Naqueles anos, um dos points badalados da high society carioca era a boate Flag.

Ricardo Amaral: O Rio era muito animado, muitas festas, muito... a noite era rica, a noite tava bombando, é... Tinha muita coisa pra fazer à noite, de nível, sem nível... Tinha pra todo gosto. Mas o mundo da noite, de certa maneira, quer dizer, era um mundo... muito conhecido, quer dizer, você quando ia nos lugares você ainda conseguia colocar o nome e o sobrenome nas pessoas, coisa que hoje você não vê mais. São tribos, antigamente era tribo, era no singular, hoje é no plural.

Branca Vianna: E, mal desembarcou de Minas, a Ângela entrou rapidinho pra essa “tribo”. A tribo das boates da Zona Sul, dos sobrenomes conhecidos... e das colunas sociais.

Ricardo Amaral: Bom, mas então eu tô contando essa história toda pra mostrar a coluna social o que que era, entendeu. A coluna social, ela promovia, ela transformava a pessoa num sucesso, de desconhecidas em sucesso, as pessoas começavam a aparecer muito nas colunas sociais, ela passava a ser convidada pras festas. Então as pessoas aparecerem ali ganhavam a notoriedade que hoje ganham nessas redes sociais.

Branca Vianna: E o que fazia a pessoa aparecer?

Ricardo Amaral: Ahá! A pessoa, pra aparecer, ela tinha que ter alguns predicados. Quer dizer, se a pessoa tivesse, fosse uma pessoa muito charmosa, muito bonita, muito interessante, com traços de educação, ela era uma pessoa já totalmente pronta pra ser adotada né. Ah... o dinheiro contava, e contava também naquela época a coisa que hoje nem existe mais, era pertencer à chamada “sociedade brasileira”, não é?

Branca Vianna: Quando o Ricardo Amaral diz “sociedade brasileira”, isso tem vários significados. Porque a tal tribo de que ele falou era tão restrita que tinha até seu próprio catálogo telefônico. E chamava “Sociedade Brasileira”. Nesse livro, que era pros mais chiques dos chiques, a Ângela não ia entrar.

Mas na society da night carioca, ela entrava. O Ricardo conheceu a Ângela antes ainda da fase de Pantera, antes mesmo do desquite. Na encarnação Ângela Villas Boas.

Ricardo Amaral: Ângela Diniz veio, eu conheci ela essa noite no Flag. Realmente uma moça... ela era, ela transcendia beleza, ela era bonita, mas não é que se fosse a mulher mais bonita do mundo, mas era bonita, mulher bonita, uma mulher que você olhava e você via nela... uma fêmea, feminilidade né. O tipo da mulher que atrai o homem, sabe.

Ela com o marido, o marido um sujeito... tímido. Um sujeito... aparentemente estava ali desconfortável, ele não era um cara confortável. Aliás, a Ângela não deixava os homens ao lado dela muito confortáveis nunca, né.

Branca Vianna: A Ângela causava “desconforto” nos homens. Era a primeira vez que a gente ouvia essa palavra pra descrever ela.

Branca Vianna: E esse desconforto que... dos namorados dela, o que que...

Ricardo Amaral: Desconforto é o seguinte, quer dizer, nenhum homem – por mais seguro que seja – se sente confortável ao lado de uma mulher que ele não tem certeza de exatamente como é que ele tá ali naquela parada, quer dizer... É um desconforto normal, quer dizer, ela era a típica mulher pra deixar um homem desconfortável, né, afrontar um homem, entendeu? [*bate na mesa*] Ela gostava, eu bati na mesa aqui com uma força... Mas, enfim, ela era esse tipo assim, não é?

Branca Vianna: Então a Ângela, pela postura dela, era considerada desconfortável. Que é uma palavra curiosa para descrever alguém. Não dá pra ter certeza se é um defeito ou uma qualidade. Mas, ao mesmo tempo, dá pra entender exatamente o que o Ricardo Amaral quis dizer com isso.

Jacqueline Pitanguy: Ela gostava de sexo, ela gostava de namorar, ela gostava de transar, ela gostava de beber, gostava de sair, gostava de ser admirada...

Branca Vianna: Essa é a Jacqueline Pitanguy, que a gente já ouviu em outros episódios de *Praia dos Ossos*. Ela é a amiga de infância da Ângela que se mudou para o Rio depois. E as duas se reencontraram por lá.

Jacqueline Pitanguy: Então, numa dessas, eu já tava casada, e eu encontrei com a Ângela, e eu sempre me lembro de ela virar pra mim e dizer assim: “Olha, se eu encontrar com você numa festa, você me mostra logo quem é o seu marido. Porque, pra mim, ele fica usando saia. Acabou. Se é o seu marido, acabou. Pode deixar que eu não chego nele!” [risos]

Branca Vianna: Olha só...

Jacqueline Pitanguy: Por um lado, é a lealdade; por outro lado é, digamos, a consciência da sua enorme capacidade de sedução e do que ela fazia quando ela chegava perto de um homem, né.

Branca Vianna: Eu acho que essa explicação da Jacqueline Pitanguy dá conta desse “desconforto” que a Ângela causava. Uma mistura de medo e fascínio. Nos homens, e nas mulheres também.

Branca Vianna: Tudo bem? Boa tarde. Eu sou a Branca, prazer.

Giba Um: Tudo bem? Este é um escritório antigo, velho, que eu estou envelhecendo aqui.

Branca Vianna: A gente marcou uma conversa com um amigo da Ângela, que testemunhou vários episódios de desconforto causados por ela: Gilberto Di Pierro, também conhecido como Giba Um, que teve coluna em jornais de vários estados do Brasil. Ele recebeu a gente no escritório dele em São Paulo, e mostrou algumas fotos da época.

Giba Um: Olha, essa aqui, olha que engraçado, essa aqui é a redação da *Última Hora* de São Paulo. Olha que barato. Aqui tem mais com a Hebe, olha que engraçada essa aqui, eu com a Hebe. Isso aqui é em Nova York.

Branca Vianna: A Ângela e o Giba eram tão próximos que ela chegou a ser jurada de um programa de auditório que ele apresentava, chamado *Giba Um e Suas Feras*. A Ângela era uma das feras. Muito infelizmente para a memória cultural nacional, parece que nenhuma gravação sobreviveu até os dias de hoje.

O programa era gravado em Curitiba, e a Ângela ia pra lá toda semana pra participar – e causar “desconforto” na sociedade curitibana.

Giba Um: Mas ela era uma mulher fatal, era uma coisa... Détraqué da cabeça, maluca, quer dizer... Era uma coisa... Ela tinha uma cabeça como se fosse uma... A missão de fascinar homem, sabe como é que é? Todos os caras que andam com um peru na testa ficavam ensandecidos com a presença da Ângela, a Ângela era fantasticamente envolvente, e, vamos dizer, provocante. Se ela estivesse aqui, podia estar do lado de uma pessoa que ela tivesse até uma certa relação, mas se pintasse ele lá, e se ela conseguisse dar três olhares para ele, ela dava, o cara ficava louco lá, querendo alguma coisa, e às vezes não conseguia nada. Mas ela tinha um certo prazer em fazer isso.

Branca Vianna: Você não conheceu ninguém parecido?

Giba Um: Vou te dizer que não. Vou te dizer que não, acho que não. Acho que não. A Ângela é bonita pra burro, né? O rosto da Ângela era impecável, impecável. Nariz... impecável. Mas acho que eu nunca conheci alguém como a Ângela.

Branca Vianna: O impacto começava a partir da presença física.

Giba Um: E aí todo mundo aquela... a mulherada inclusive: “oh, Pantera, oh”... Decotão, sabe aquelas coisas? Bem, era uma moça oferecida. Ela era profundamente curvilínea, gostosona, bom peito, as coxas. Um mulheraço, e com aquele olhar, aquele cabelão, aquela coisa assim, que encantava homens e despertava profunda ira nas mulheres, que viam nela uma concorrência que desembarcava na cidade, e que a gente... Elas não conheciam como é que era. Mas era agradável socialmente, brincava, conversava. Ela não era burra, não, ela era inteligente. Ela não gostava de falar da vida

pessoal, tipo, o passado. Era exibida, no sentido assim... Naquela época, tinha, vamos dizer, grandes decotes frente, fendas, decotes nas costas. Mas a Ângela que tinha. Ela me contou, quero avisar a vocês todos, que tinha sido pioneira no silicone. Tinha um belo par de seios que não escondia, não se... Não vou dizer, não deixava de exibir um pouco.

Branca Vianna: Quer dizer, ela usava decotão sem sutiã...

Giba Um: Essa coisa, é, o balançante. O famoso balançante. O resumo é assim: a Ângela é fantasticamente sedutora, e fantasticamente apaixonante.

Branca Vianna: Numa entrevista pra revista *Fatos & Fotos*, em agosto de '75, a Ângela disse o seguinte sobre os homens: “Perto de mim, eles têm uma reação meio paradoxal: ficam deslumbrados, mas se mantêm na defensiva. Só depois é que se quebra o gelo e a gente consegue se entender com naturalidade.”

Mas nem sempre essa “naturalidade” chegava. Ou, quando chegava, não resistia muito tempo. No processo da pesquisa desse podcast, e na busca por possíveis entrevistas, a gente se deparou com o fato de que a Ângela causa ainda hoje, em 2020, esse mesmo desconforto.

Não faltavam relatos de “casos” que a Ângela teve desde que se desquitou do Milton Villas Boas. Mas, mesmo tendo nas mãos o inventário dos namorados dela que ainda não morreram, porque lá se vão quarenta, cinquenta anos, foi bem difícil encontrar alguém disposto a falar a respeito.

Tem os casos de conhecimento público, como o Bê Barbará. Esse acabou quando o sogro dele, o JK, deu um puxão de orelha pessoalmente na Ângela. Além, é claro, do Tuca Mendes, o cúmplice no caso do caseiro. Esses dois já morreram.

E a Ângela teve mais alguns namoricos que saíram nas colunas sociais, como o Leleco Barbosa, filho do Chacrinha. Ele não quis falar com a gente. Nem ele, nem o Parker Gilbert, aquele que dançava chá-chá-chá. Agora, os casos que só eram sabidos à boca pequena, continuam à boca pequena mesmo tanto tempo depois.

Um dos nomes levantados confirmou “em off”, mas não quis dar entrevista e pediu pra nem ser mencionado. Outros dois chegaram a gravar entrevista com a gente, assinaram o termo de cessão – mas, no meio da edição do podcast, voltaram atrás e pediram pra gente não usar as vozes ou os nomes deles.

Fica difícil de entender, e difícil de aceitar, que cinquenta anos depois do caso que tiveram com a Ângela ainda sintam o tal desconforto de que fala o Ricardo Amaral.

Esses três eram muito jovens, eram solteiros, namoraram uma mulher que, segundo eles, era linda, divertida, sexy, inteligente e generosa. Todos os três falaram muito bem dela, e com

saudades. As histórias que eles contaram eram ótimas, e deu vontade de arrancar os cabelos quando eles pediram para a gente não usar as gravações.

Mas para tudo tem um jeito. E a inspiração pra resolver esse impasse veio justamente das colunas sociais. Afinal, se tem um gênero literário que precisa contornar a exposição de identidades, esse gênero é a coluna social. É uma arte delicada.

O Giba Um contou para a gente que uma vez ele deu uma nota sobre uma mulher que brigou com a outra, e a mãe de uma delas resolveu intervir.

Giba Um: A mãe dessa mulher foi lá na casa dessa Ana Paula e deu uma surra nela de vassoura. E eu descrevi isso com um certo tato.

Branca Vianna: Como é que você faz para escrever essa história com um certo tato?

Giba Um: Não me lembro.

Branca Vianna: O Giba nos contou de um artifício ótimo do Daniel Más, outro colunista social.

Giba Um: Daniel Más escrevia no *Correio da Manhã*, e ele tinha uma coisa divertida. Ele botava assim... Como é teu nome inteiro?

Branca Vianna: Branca Vianna.

Giba Um: Branca. “O vestido verde da Branca Vianna disse para camiseta colorida da Flora: ‘Onde você vai hoje à noite, vai também lá naquela suruba, não sei o que lá?’ O sapato respondeu: ‘Meninas, mais juízo.’”

Ele fazia um tipo de coisa assim que fazia um puta de um sucesso. Porque era uma coluna social, mas era tão escrachada. Ele não botava as pessoas falando, ele botava roupas e situações. “A mesa, quando viu a Branca entrar, falou: ‘Lá vem ela de novo derramar coisa em cima de mim.’” Sabe, uma coisa assim?

Branca Vianna: A gente vai usar a estratégia do Daniel Más pra contar as melhores histórias que a gente ouviu dos casos da Ângela, mas preservando a identidade dos entrevistados, como eles pediram. Então vamos lá.

Numa noite, o salto alto da Ângela resolveu se engraçar com um mocassim. Ele era novinho, ficou meio intimidado com ela. Mas, enfim, quando um saltão desse te chama para dançar, você não recusa, né. A única coisa é que, logo no primeiro date, ela propôs de fazer um *ménage à trois* com uma sandália.

E aí teve os irmãos blazer. Primeiro, a Ângela pendurou a saia dela do lado do blazer mais velho. Foi bom enquanto durou, mas, depois de um tempo, o blazer não quis saber mais dela. A Ângela não deixou barato, deu um pulinho pro cabide do lado e se enroscou no blazer mais novo. Até aí tudo bem, o blazer sênior até achou graça e incentivou. Mas, depois de um tempo,

começou-se a falar em fazer da saia da Ângela um vestido de noiva. Aí o blazer sênior se preocupou e resolveu resgatar o blazer júnior, fez uma lavagem cerebral – a seco – nele, e a história terminou ali.

Agora, por que tanto medo? Sabe aquela frase do Tom Jobim, “o Brasil não é para principiantes”? Quando a gente sentou com o blazer júnior pra conversar, ele suspirou, ajeitou as mangas, e disse o seguinte: “É isso. A Ângela Diniz também não era para principiantes.”

Uma camisa social engomada que conheceu a Ângela biblicamente falou pra gente que ela era tipo a Salomé.

Pausa aqui pra mais um drops de referência bíblica, agora do Novo Testamento: a Salomé era a neta do rei Herodes, conhecida por ser uma moça muito bonita, sedutora... e perigosa. Porque ela pediu a cabeça do João Batista numa bandeja em troca de dançar para o rei.

Quando a Ângela se mudou para o Rio, a fama do caso do caseiro veio junto. Ela era vista como uma mulher perigosa. Se ela era a Salomé... o date podia virar João Batista. Pela descrição, parecia uma mulher a se evitar. Mas, mesmo assim, ninguém evitava.

Teve outra história, de outro entrevistado que pediu pra ter a identidade preservada. Vou chamar ele de “gravata borboleta”. A gravata não chegou a sair com a Ângela, mas o melhor amigo dele, a calça xadrez, se apaixonou por ela. Quando a gravata soube que a calça xadrez tinha se mudado de mala e cuia e tava dividindo o armário com a Ângela em Copacabana já havia seis meses, ele se desesperou.

Ele sentou com a calça e fez uma intervenção. Explicou que esse negócio não ia dar certo. A calça ficou tão convencida que os dois armaram uma operação de guerra. Enquanto a Ângela tava em BH, eles subiram no apartamento, pegaram todas as coisas da calça – sabe, os cintos e tudo – e meteram o pé. Só deixaram um bilhete. Procurada pela reportagem, a calça xadrez disse não se lembrar da história que a gravata nos contou.

Então o fato é que a Ângela causava desconforto, ou até mais do que isso. Ela causava medo nos namorados, nas famílias e nos amigos deles. Mas, na maior parte das vezes, a Ângela só tava atrás de uma noite divertida.

Giba Um: Mas exatamente isso. Não dar satisfação pra ninguém. Se estava namorando com você e achava aqui que era mais engraçada a barba do nosso compadre: Ó, *nice to see you*, e encostava ali num canto.

Branca Vianna: Sobre esses casos de uma noite da Ângela, o Giba Um contou uma história emblemática. O caso do “Boca Torta”.

Giba Um: Teve um episódio, não lembro quem era. Teve um jantar em Curitiba, para mim e para elas. E tinha um cara, coitado, que era um pouco torto. Que Deus me perdoe, que eu tenho um filho deficiente, mas é ótimo. Ele tinha, sabe [*modula a voz*].

Branca Vianna: Tinha uma boca torta.

Giba Um: Pois ela encafifou com o cara, cacete!

Branca Vianna: A Ângela.

Giba Um: Ciscou com o cara, deixou o cara enlouquecido, e comeu o cara naquela noite. Não conhecia o cara. “Ela está a fim do cara da boca.” Coitado do cara, como é que ele beija? Com aquela boca assim. Pois ela comeu o cara. Na manhã seguinte, tomou um avião e foi embora. O cara deve ter ficado... A boca até voltou no lugar. Mas ela resolveu atijar o cara, sabe. Porque era uma cabeça de tantan, era uma coisa de louco, isso, para dizer para o cara: “ó, você tem a boca torta, mas eu sou a Ângela Diniz e vou ser sua.” Nunca me esqueço. Essa história da boca torta foi famosa. Foi no começo do programa. Faz muitos anos, isso. Pô, '70, '80, '90, 2000. 2010. Vai fazer 2020. Quase... Como eu tô velho, vai para a puta... Desculpe, senhoras.

Branca Vianna: Com o inventário dos amantes da Ângela nas mãos, os vivos e os que já morreram, os declarados e os suspeitos, a gente bem que tentou traçar um perfil pro desejo dela, mas o caso do Boca Torta mostra que o desejo da Ângela era complexo demais pra ser enquadrado.

Giba Um: Eu vou te contar outra história, que é igualmente fascinante. Então você está num jantar, você está aqui, ele está aqui, eu sou a moça. E, aqui no jantar, eu escorrego a mão e seguro, e fico brincando e conversando com você. Vejam, quer dizer, o fascínio, o estímulo. A coisa semipública. O perigo. Isso tudo é estimulante. Agora, tem de ter uma coragem fantástica. Há um grande episódio, não vou dizer o nome dele, de um outro grande empresário brasileiro casado com uma moça. E ela foi com o outro namorado da época, agora eu não me lembro. E, durante o jantar, ela tirou o sapato e ficou cutucando aqui por baixo este meu amigo empresário.

Branca Vianna: Que não era namorado dela, ela estava com o namorado dela...

Giba Um: Nada, foram jantar juntos, dois casais. E o mais surpreendente da história, isso contado por ela uma vez, há muito tempo atrás, que ele se encantou, segurou o sapato, brincou com o pé e terminou o jantar. E ela levantou... sem o sapato. E ela foi embora normalmente.

Branca Vianna: Descalça?

Giba Um: E pegou um táxi e foi embora. E o sapato deve ter ficado no chão do restaurante.

Branca Vianna: Ela, um pé com o sapato e outro sem.

Giba Um: Outro sem. Não é engraçado?

Branca Vianna: Maravilhosa essa história.

Giba Um: Quem era a personagem, era a moça, era a dona Ângela. Isso contado por ela, hein?

Branca Vianna: O Giba é uma fonte inesgotável de histórias da Ângela.

Giba Um: Teve episódios... eu posso falar um pouco de cafajestice? Tenho horror a isso.

Branca Vianna: O quê?

Giba Um: Falar um pouco de cafajestice é feio. Não faça que eu exceda... já fui muito cafajeste, não pode. Eu sou uma pessoa fina. Médio.

Branca Vianna: A gente optou por realmente não passar do ponto nas cafajestices. Mas, para além das anedotas divertidas, o que fica é a relação da Ângela com o próprio desejo. Intenso e volátil. Um palito de fósforo.

Giba Um: E ela tinha uma fantástica, vamos dizer assim, durabilidade em torno de qualquer envolvimento romântico. Começava aqui, de repente desligava aqui. Tchau e bênção, e boa noite. Não atendia o telefone, pegava outro...

E ela também contava, eu vou dizer que ela contava, que tinha um certo poder de domínio na hora das coisas. Essas, essas, essas bostas que eu estou tentando recuperar daquela época provam que ela preferia estar sempre no comando. Ela, quer dizer, na relação... Acredito, suponho, íntima, acredito que não tinha aquela coisa de ser passiva não, ela era a pessoa que mandava: vai fazer assim, assado, eu faço assim, assado, e fique feliz porque sou eu. Eu acho que este era muito o perfil dela.

Branca Vianna: É gozado que esses homens todos, que se apaixonavam, queriam casar, porque nessa época...

Giba Um: Eu acabei de falar para você, quer dizer, é uma coisa de louco, isso. Os caras não queriam dar uma namorada, cada um no seu canto, dar uma comida, dar um romance. Não, havia essa coisa de casar. O "Turco" queria casar com ela. Você imagina no Brasil, o Ibrahim queria casar com ela. Na época, o Ibrahim romaneava loucamente, o Ibrahim estava apaixonadíssimo pela Ângela. Quando eu digo apaixonadíssimo é uma coisa que transborda quaisquer lucidez, vamos dizer, "lucidezes". Porque o Ibrahim ficou enlouquecido por ela, era uma coisa de tara.

Branca Vianna: Todo mundo sabia que a chance de funcionar, de realmente fazer a Ângela se apaixonar e viver feliz para sempre, era mínima. Mas, mesmo assim, alguns homens mergulhavam de cabeça. O Ibrahim Sued, por exemplo. Ele se separou da mulher pra ficar com ela.

Mas a Ângela também mergulhava, em alguns dos casos. Se com a maioria funcionava que nem um palito de fósforo, com outros era um pavio. O caso com o Ibrahim Sued foi no estilo pavio.

E por acaso do destino – ou não – a Ângela foi se envolver justamente com um colunista social. E logo qual. Pra dar uma ideia da fama dele, botaram uma estátua do Ibrahim Sued bem em frente ao Copacabana Palace.

Ricardo Amaral: O número de homens que eram, assim, siderados por ela, né... E ela foi também altamente promovida pelo Ibrahim...

Branca Vianna: Esse é, de novo, o Ricardo Amaral, o ecólogo da noite carioca.

Ricardo Amaral: O Ibrahim inventou essa história de "a Pantera de Minas", virou um clichê da coluna dele, a Pantera de Minas, a Pantera de Minas, era um personagem diário.

Branca Vianna: Era o cara que cunhou o apelido de Pantera, que escolheu o lugar dela, que enquadrava a Ângela naquela jaula. É justamente ele quem ela vai querer. O Ricardo conhecia bem o Ibrahim Sued.

Ricardo Amaral: Se você tiver que traçar um perfil do Ibrahim, é tão difícil, ele era muito inteligente, muito inculto, ele era muito... perspicaz, ele era nada preparado, ele era... muito agressivo.

Branca Vianna: Imagina só esse encontro da Ângela com o Ibrahim. Pavio de dinamite.

Ana Maria Tornaghi: Uma coisa que ela fazia, por exemplo: ela virava pro Ibrahim e implicava, implicava, e o Ibrahim falava mais alto, dizia ali um desaforo. E ela provocava até ele dizer... ela dizia: "Então me mata se você é homem." Abria a blusa, assim...

Branca Vianna: Essa é a Ana Maria Tornaghi, uma promotora de eventos carioca muito famosa, que conhecia a Ângela desde quando ela ainda era casada com o Milton Villas Boas. A Ana Maria conviveu com a Ângela e o Ibrahim como casal.

Flora Thomson-DeVeaux: Você chegou a presenciar?

Ana Maria Tornaghi: Várias vezes. Várias vezes.

Branca Vianna: Você viu então várias vezes ela dizendo: "Então me mata se você é homem."

Ana Maria Tornaghi: Me mata se você é homem! E o Ibrahim andava armado.

Branca Vianna: Tem uma história, que a gente não conseguiu apurar direito, de que o Ibrahim teria dado uns tiros na parede, ou no pé dela...

Ana Maria Tornaghi: Não, nunca pegava, não pegava em ninguém. Mas sorte a dele, porque ele, ele, ele atirava ele fazia assim: pa pa pa pa, e ia no teto e ia no chão, só que do teto podia ricochetear e pegar em você que tá aí, que não tem nada a ver com isso.

Branca Vianna: Eu falei com outra amiga do casal Ângela/ Ibrahim, a Marialice Celidônio. Quem é do Rio talvez reconheça o sobrenome do marido da Marialice, o Zé Hugo Celidônio, que morreu em 2018. Ele foi um chef e empresário, que assinou por muito tempo uma coluna de receitas n'O *Globo*.

Branca Vianna: Como era a relação dela com Ibrahim? Você sabe? Você chegou a acompanhar?

Marialice Celidônio: Era um desastre total. [risos] Era uma briga constante.

Branca Vianna: A Marialice confirmou exatamente essa cena que a Ana Maria descreveu, da Ângela desafiando o Ibrahim.

Marialice Celidônio: Assim, isso na mesa, com todo mundo, entendeu? Ela era provocadora. Isso aí é um detalhe que eu estou falando porque eu assisti, estava na mesa. Ela era bem provocadora. Ela tinha aquele temperamento, e de repente aconteceu. Acho que não era nem uma coisa proposital, era por causa do jeito dela, o jeito dela era esse. Acho que não tinha medo de nada, eu acho.

Branca Vianna: No episódio passado do *Praia dos Ossos*, lembra que a gente conversou com a Kiki Garavaglia, a amiga mais próxima da Ângela nos últimos anos? Foi aquela que conheceu a Ângela numa viagem para Paris, e fez cara feia pra Pantera, mas acabou virando amiga dela nas Galeries Lafayette. A Marialice também tava nessa turma em Paris, e ela contou outro episódio da viagem.

Marialice Celidônio: Quando eu saía com ela, assim, pra passear, pra ir pra loja e tal, ela provocava até as vendedoras, porque ela não sabia falar língua nenhuma. Ela só falava português, né. Aí, em Paris, eu me lembro uma vez que nós estávamos dentro de uma loja, e ela diz: "Eu vou querer esse sapato branco que tá na vitrine." Aí a pessoa: "*Pardon? Pardon?*" Ela não entendia, claro. Ela: "eu vou querer"... E começava a ficar brava. "Eu vou querer tal, tal coisa." E a pessoa tinha que entender ela falando português, entendeu? Então ela era assim, ela tinha um temperamento assim, muito difícil, muito forte, sei lá, eu não sei, mas enfim. Eu acho que ela era uma pessoa bem, bem complicada também, mas sei lá. Dependia muito da pessoa que ela estava no momento, né. Mas o Ibrahim não era uma pessoa, assim, também muito calminha, né.

Branca Vianna: Ele andava armado também, né? Você falou que o Ibrahim andava armado, o Doca também andava armado.

Marialice Celidônio: É, mas naquela época tinha algumas pessoas, não sei por quê. Tinha muita gente que andava armada, não sei por quê, não sei

Branca Vianna: Ele gostava de arma, né?

Marialice Celidônio: Mas o Zé Hugo falava muito isso. Falava que, se ele não tivesse armado, não teria acontecido.

Branca Vianna: E todos os depoimentos iam pro mesmo lugar. Esse é o do Fritz d'Orey, um amigo bem próximo da Ângela. Ele já apareceu por aqui num depoimento bem emocionado no primeiro episódio, falando da morte dela.

Fritz d'Orey: Eu morava na... Na Joaquim Nabuco, quase esquina da Vieira Souto, no nono andar. E o Ibrahim era o sexto andar. Aí um dia, eram duas horas da manhã, a Ângela toca e fala: "Socorro, Fritz, o Ibrahim me bateu muito." Aí eu falei: "Que isso, Ângela?" "Vem me buscar aqui, vem me buscar aqui." Aí eu falei: "Pô, eu vou aí ele me mata, né?" O Ibrahim também era um daqueles que andavam, tipo o Doca, com revólver.

"Não, vem me buscar!" Eu fui. Toquei a campainha, o Ibrahim aparece e fala: "Fritz, Fritz! Eu não fiz nada, não! Eu não bati, ela caiu, bateu no canto da mesa." Ele estava apavorado, achando que eu... Como eu tive a coragem de ir lá na casa dele às duas horas da manhã, buscar a namorada dele, né... Ele achava que eu ia matá-lo ou qualquer coisa do gênero. Foi muito engraçado. E eu estava com medo que ele, que ele fosse me matar, né.

Branca Vianna: Todo mundo que conviveu com a Ângela e o Ibrahim como casal tinha as mesmas histórias, uma mais tensa que a outra.

Ricardo Amaral: Nós fomos jantar. E na saída do restaurante houve uma discussão entre Ângela e o Ibrahim na mesa, e no final do negócio nós fomos obrigados a tirar um revólver da mão do Ibrahim, que ele queria dar um tiro nela. Quer dizer: o Ibrahim podia ter sido o Doca Street precoce, você tá entendendo? Quer dizer, ela era uma que instigava as pessoas, que instigava os homens.

Branca Vianna: A gente perguntou da relação também pra Kiki Garavaglia.

Kiki Garavaglia: Como eu te falei, que ela tava nessa época de autodestruição: "Então tá, faz", "Quer me matar, me mata", você tá entendendo?

Branca Vianna: Por quê? Ele dizia que ele queria matar ela?

Kiki Garavaglia: O tempo todo.

Branca Vianna: A Kiki também se lembrava do Ibrahim puxando o revólver. Às vezes até no meio da boate. Eu perguntei como essas situações começavam.

Kiki Garavaglia: Ela provocava os homens.

Branca Vianna: Em que sentido?

Kiki Garavaglia: Ah... "Tá vendo aquele cara dali? Pô, tá me dando maior bola." Aí o Ibrahim, o "Turco", já ficava: "Cadê meu revólver, cadê meu revólver?" Né. Era muito desagradável sair com eles porque eles começavam um pegar no pé do outro. Aí você ficava com aquela cara de chuchu, né. Tipo: "Ahn, o que que a gente faz, né?" E

acabava: "Então vou embora!" "Você é puta!" "E você é um velho!" Mas bem baixaria. E, como eu te disse, um dia ele começou a dizer: "Vou te matar, vou te matar!", e ela falou assim: "Eu não quero morrer arrebitada, viu, Turco." Foi pra janela, 12º andar da Avenida Atlântica, botou as perninhas pra fora, e falou: "Agora empurra."

Branca Vianna: Isso na frente de todo mundo?

Kiki Garavaglia: Festa correndo.

Branca Vianna: Na casa de quem? Numa festa?

Kiki Garavaglia: Não lembro. Eu sei que era na Avenida Atlântica. "Não, vamos embora, vamos embora, vamos embora. Sai daí, sua louca, você é maluca, vamos embora!"

Branca Vianna: Isso tudo me lembrou um argumento da defesa do Evandro Lins e Silva no julgamento do Doca.

Evandro Lins e Silva: Ela própria criou as condições para morrer pela mão de outrem. Foi este o infeliz que a matou.

Branca Vianna: "Morrer pela mão de outrem." Pelo argumento do Evandro, o Doca tinha sido só um instrumento pra Ângela saciar a pulsão de morte dela. Se não fosse o Doca, teria sido outro. E o Ibrahim sem dúvida seria um forte concorrente a assassino da Ângela.

Mas eu acho que, além do absurdo desse argumento, a conclusão de que a Ângela queria morrer não se encaixa na personalidade dela. Ela preferia ser Caim a ser Abel, lembra? Essa agressividade recorrente do Ibrahim e do Doca, pra mim, aponta pra outra coisa. Que o assassinato da Ângela Diniz não foi fruto de um caso isolado, de um homem descontrolado, agindo num impulso momentâneo por causa do temperamento da namorada.

Foi a reação de um homem médio daquela época, criado com os valores daquela época, moldado para ter medo de uma mulher que segue os seus desejos. E, por isso, criado para agir com violência quando topa com uma mulher assim.

Porque o normal quando a tua parceira te deixa extremamente desconfortável não deveria ser ameaçar de matar ela. Deveria ser ir embora e arranjar alguém mais confortável. Mas o Ibrahim não chegou ao limite. A relação dos dois também não durou tanto tempo.

Giba Um: Não era amor, a profunda paixão, ele era enlouquecido por ela. Depois se separou, porque, a certa altura, como eu disse antes, a Ângela era uma moça de chegar, desligar e dizer *nice to see you*.

Branca Vianna: E a Ângela se desligou do Ibrahim pra uma última paixão. No final de agosto de '76, o Ibrahim foi cobrir uma festa pra um programa de TV, e a Ângela foi junto. A festa era na casa de um casal da alta sociedade paulistana.

Ricardo Amaral: E daí, naquela época, uma amiga nossa de São Paulo, a Adelita Scarpa ela... divorciada do primeiro casamento, e tal, ela vivia com o Doca. E, nesse momento, a Adelita convidou o Ibrahim. “Se você quiser, eu dou uma festa na minha casa, e você grava o programa *Fantástico* da minha casa.” O Ibrahim topou. Topou e falou: “Eu vou levar uma amiga minha”, “É claro, com maior prazer.” Maravilhoso.

Sergio Chapelin: Na pauta gastronômica, salada de abacate com salmão, capeletti, camarão, frango ao caril, finalizando com mousse de coco, sorvete de creme com morangos cristalizados, fios de ovos, torta de nozes. Isso tudo regado aos vinhos da adega da avó de Adelita. A música foi do Hippopotamus e a animação varou a madrugada de São Paulo, com o grupo do Rio se preparando para um fim de semana na fazenda Harmonia dos Nicolau Scarpa, papás de Adelita.

Branca Vianna: Reza a lenda que o caso da Ângela e do Doca começou ali. No programa que foi ao ar, tem uma cena do Ibrahim entrevistando a Adelita.

Ibrahim Sued: Claro, você é divorciada do Walinho Simonsen.

Adelita Scarpa: Não sou, não. Absolutamente, casei com Doca em igreja, tudo direitinho. Ali eu já era divorciada.

Ibrahim Sued: Ah, já era divorciada.

Ricardo Amaral: Bom, daí aconteceu o seguinte: ele foi, houve a festa, houve a gravação e... foi ao ar a gravação, ba ba ba. Daí, no destino da história, aconteceu o seguinte: a Ângela seduziu o Doca.

Branca Vianna: Ali, na festa da Adelita, a Ângela, levada pelo Ibrahim, direcionou o seu desejo pro marido da anfitriã, o Doca Street. Que também tava de olho nela, pronto pra ser seduzido.

E essa história a gente já sabe como terminou, poucos meses depois. Mas ali tava só começando. E aqueles meses parecem ter durado mais do que muitos anos. No próximo episódio do *Praia dos Ossos*, a gente conta a história do romance entre o Doca e a Ângela.

Praia dos Ossos é uma produção original da Rádio Novelo. Não esquece de seguir a gente nas redes, sempre @radionovelo. E você pode ir lá no nosso site pra ver umas fotos lindas da Ângela do começo dos anos '70.

Se você terminou esse episódio e ficou com vontade de falar a respeito, dentro da nossa página no Facebook tem um grupo de discussão.

Eu sou a Branca Vianna, idealizadora e apresentadora deste podcast. Uma coisa que nem todo mundo sabe é que a Flora Thomson-DeVeaux traduziu Machado de Assis inspirada nas notas do Giba Um.

A montagem é da Laís Lifschitz. A direção criativa é da Paula Scarpin, que assina o roteiro com a Flora, e com o Aurélio Aragão e o Rafael Spínola, da Segundo Andar.

A coordenação digital é da Kellen Moraes. Nosso diretor executivo é o Guilherme Alpendre. A produção é da Claudia Nogarotto.

A captação pra esse episódio é do Tales Manfrinato, em São Paulo, e do Rodrigo Pereira e Rafael Facundo, no Rio. Algumas entrevistas foram gravadas no Estúdio Rastro.

Pesquisa audiovisual de Antonio Venancio. Áudio de arquivo da TV Globo. A identidade sonora do *Praia dos Ossos* foi composta pelo Pedro Leal David. Música adicional da Mari Romano e da Blue Dot. A finalização e mixagem são obra do João Jabace.

Nossa identidade visual é da Elisa Pessôa, nossos vídeos são da Marina Quintanilha, e o nosso site é da Café. A Isabela Moreira é nossa editora redes sociais, que tem peças produzidas também pelo Mateus Coutinho. A Ana Beatriz Ribeiro e a Juliana Jaeger completam o time digital. Luciele Almeida faz a gestão da campanha de mídia.

A checagem foi do Érico Melo e da Luiza Miguez.

Para este episódio, agradecemos a ajuda de Ricardo Amaral, Jacqueline Pitanguy, Fritz d'Orey, Giba Um, Kiki Garavaglia, Marialice Celidônio, Ana Maria Tornaghi, e todos os ex da Ângela.

Obrigada e até a semana que vem.